



**PROFESSOR DOUTOR RUI DE ALARCÃO**

Retrato exposto na Sala do Conselho Científico da  
Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra



ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR DO  
DOUTOR RUI DE ALARCÃO

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS



SENHOR DA REITOR DA UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA, TAMBÉM NA VESTE  
CIMEIRA DE REPRESENTANTE DE SUA  
EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DA  
REPÚBLICA

SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA  
REPÚBLICA

SENHOR PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL  
DE JUSTIÇA

SENHOR PRESIDENTE DO TRIBUNAL  
CONSTITUCIONAL

SENHORA MINISTRA DA PRESIDÊNCIA EM  
REPRESENTAÇÃO DO SENHOR  
PRIMEIRO-MINISTRO

SENHORA MINISTRA DA JUSTIÇA

SENHORA PROCURADORA GERAL DA REPÚBLICA

SENHORES DEPUTADOS À ASSEMBLEIA DA  
REPÚBLICA

SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE COIMBRA

SENHOR BASTONÁRIO DA ORDEM DOS  
ADVOGADOS

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

DEMAIS AUTORIDADES CIVIS E MILITARES

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES DO SENHOR  
DOUTOR RUI DE ALARCÃO QUE SAÚDO NA  
PESSOA DA GENTILÍSSIMA SENHORA  
DOUTORA ELIANA GERSÃO

SENHORES DOUTORES

SENHOR PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO  
ACADÉMICA DE COIMBRA

SENHORES ESTUDANTES

SENHORAS E SENHORES

Caiu a tristeza nos nossos corações de universitários de Coimbra. O Doutor Rui de Alarcão fez aquela viagem de onde não há regresso. Um sopro gélido enregelou a alma dos seus Familiares e das suas legiões de amigos e de admiradores.

Aqui me encontro perante vossas Excelências, na condição de Director da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, para acenar o último adeus ao Reitor, ao Mestre e ao amigo que foi o Doutor Rui de Alarcão.

Do mais fundo de mim, enfrento, nas asas do ar desta belíssima capela, lúgubres e assustadoras

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

poeiras que nem mesmo o voo límpido do Arcanjo São Miguel conseguiria dissipar ou sequer afastar.

Ao longo de uma carreira terrena, não há como escapar a lances de tormentos desenfreados, a raios de desespero e a peitos sufocados pela dor.

A morte constitui a fonte mais caudalosa e sincera dos choros que representam dilúvios de amargura, que são dilúvios irreprimíveis de dor. Ostensiva ou furtiva, se a lágrima, que é o mais puro destilado da dor, se tomasse como forma discursiva protocolar, ela faria por mim toda a oração fúnebre em preito de comovida homenagem ao Doutor Rui de Alarcão.

Ou então, se tal correspondesse a uma tradição universitária inveterada, talvez preferisse oferecer à distinta assembleia que hoje aqui se congrega em honra do Doutor Rui de Alarcão alguns momentos de silêncio e de sereno recolhimento. Isto, porque o silêncio e a solidão interior encerram uma consoladora ternura e forjam sombras que embalam docemente as agonias do espírito. Mas, logo a seguir, os nossos olhos intencionalmente fechados parecem desenhar relances infindos que escondem vagas aparições que logo desaparecem mergulhadas numa aflição excruciante.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Perante a colossal majestade da morte, esboam-se as regras da oratória fúnebre. Como que parecem ondas desfeitas em espuma. O espírito cobre-se de um luto que amolenta os dotes literários. A voz embargada pelos soluços e os rochedos que oprimem o coração não permitem guardar ordem no discurso.

Seja como for, devo cumprir o ancestral e nobilíssimo preceito universitário de proferir uma oração fúnebre. É o que farei.

SENHORAS E SENHORES

O castelo mais acastelado de um Homem e que nunca ninguém tomará de assalto, porque é um reduto inexpugnável do seu ser, é a sua infância. Pinta uma pintura viva que não se apaga, que não sai sem levar consigo o todo. Nasceu Rui de Alarcão em Coimbra no seio de uma Família de vastos pergaminhos. Estudou no Liceu D. João III em Coimbra. Licenciou-se na Faculdade de Direito de Coimbra. Foi lente Catedrático de Direito em Coimbra. Ascendeu à dignidade suprema da Universidade de Coimbra, a de ser seu magnífico Reitor. Viveu sempre na Lusa Atenas. Ao contrário de muitos dos nossos mais

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

renomados ornamentos universitários, Rui de Alarcão nunca saiu de Coimbra e Coimbra nunca saiu de Rui de Alarcão.

Era o Doutor Rui de Alarcão um verdadeiro Mestre na leitura do tempo e no jogo dos tempos. Ouvi dizer um dia ao Doutor Rui de Alarcão que o tempo não perdoa àquilo que se faça sem ele. Por isso, lendo a exigente sina dos professores que habitam a Faculdade de Direito de Coimbra, apressou-se lentamente, oferecendo ao estudo as pausas reflexivas indispensáveis, num *cursus honorum* académico recheado de glórias.

Em 1952, licenciou-se. No ano seguinte, concluiu o Curso Complementar de Ciências Jurídicas. Foi contratado em Dezembro de 1953, para Segundo-Assistente da Faculdade de Direito de Coimbra. Apresentou-se a Doutoramento, em 1971, com o pleno êxito que a distinção e louvor confere.

Como natural corolário, surge contratado, em Setembro de 1971, como professor auxiliar da Faculdade. E, em 1978, vão passados precisamente quarenta anos, ascendeu à Cátedra.

O cume reitoral ficava mais perto.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

## SENHORAS E SENHORES

Uma coisa é saber, coisa bem diferente é saber ensinar. Rui de Alarcão afirmou-se como um Professor claro e clarividente. Requieta as suas exposições com o brilho de uma linguagem cativante.

Dele conservo a imagem de um examinador muito rigoroso e muito severo. Ao longo de uma prova oral, exhibia um rosto imperturbável e absolutamente inexpressivo. Não enrugava a testa, não franzia o sobrolho, não acenava com a cabeça, nem sequer pestanejava. O interrogatório destinava-se apenas a interrogar e a avaliar os estudantes. Ora, avaliar significa distinguir e Rui de Alarcão pautava o seu juízo por um só e só um critério, o do mais acendrado rigor que conduzia à justiça.

Deambulou Rui de Alarcão por um largo espectro de cadeiras. Regeu Processo Civil, Direito Comparado e Introdução ao Estudo do Direito. Sendo a sua matriz científica dilecta a civilística, não admira o especial carinho que devotou à Teoria Geral do Direito Civil e ao Direito das Obrigações.

Só de um grande Homem pletórico de inesgotáveis qualidades humanas sai um grande

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

Mestre. E só de um grande Mestre pletórico de muitas mestrias se extrai um grande Reitor. Rui de Alarcão quis ser um Reitor sem deixar de ser um Mestre. Orgulhava-se de, nos seus longos anos de Reitor, nunca ter deixado de dar classes na sua Faculdade de Direito de Coimbra. Ali radicava a fonte do prestígio e ele bem o sabia.

SENHORAS E SENHORES

Um autor não o é sem a sua obra. Um Mestre revela-se naquilo que escreve e como o escreve. Não acredito em génios ocultos. Com o senhorio de uma linguagem apurada no crisol de uma reflexão constante, Rui de Alarcão legou ao presente e ao futuro uma obra valiosa, matricialmente na área civilística.

Na circunstância que passa, representaria uma deslocada ousadia sem *captatio benevolentiae* que nos valesse, se enveredasse por uma qualquer análise à obra de Rui de Alarcão.

Velozmente, não irei além de uns relances fugazes. Subido destaque merecem, por exemplo, as suas múltiplas incursões ao tratamento do negócio jurídico, a sua tese de doutora-

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

mento subordinada ao título “A Confirmação dos Negócios Anuláveis”, e outros escritos que versavam a sublocação de prédios urbanos, a transferência da posição de arrendatário no caso de trespasse e a taxa-limite da cláusula penal fixada pelo Dec. 21.730.

Se espreitasse esta cerimónia, numa presença apenas invisível aos nossos olhos, julgo que Rui de Alarcão apreciaria que eu sublinhasse que colaborou na Teoria Geral das Obrigações do grande Mestre e patriarca da brilhantíssima Escola de Direito Civil de Coimbra, que foi Manuel de Andrade. E nas suas três edições, de 1958, 1963 e 1966. Compôs também Rui de Alarcão lições de Introdução ao Estudo do Direito e de Direito das Obrigações.

SENHORAS E SENHORES

Na óptica do Mestre, uma das insígnias douradas de Rui de Alarcão resultou do facto de, a partir de Janeiro de 1958, ter integrado a Comissão encarregada de elaborar o novo Código Civil. Na sequência da tarefa de que foi incumbido, publicou uma série de estudos, todos eles recolhidos em páginas do *Boletim do*

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

*Ministério da Justiça.* Versaram, sucessivamente, a “Simulação”, a “Interpretação e a Integração dos Negócios Jurídicos”, a “Forma dos Negócios Jurídicos”, a “Reserva Mental e Declarações Não Sérias”, “Declarações Expressas e Declarações Tácitas”, “O Silêncio”, “Invalidade dos Negócios Jurídicos”, “Erro, dolo e coacção”, “Representação”, “Objecto Negociável”, “Negócios Usuários”, “Condição” e ainda “Do Negócio Jurídico (Anteprojecto)”.

Não admira, pois, que Rui de Alarcão tivesse sido erigido em Presidente da Comissão das Comemorações que recentemente assinalaram o Cinquentenário do Código Civil actual. Um Código que é praticamente da forja da grande Escola Civilística da Faculdade de Direito de Coimbra.

A nossa Faculdade de Direito de Coimbra é uma Velha Senhora, velhinha de muitos e muitos anos, mas que ainda se alvoroça a evocar os seus feitos. É o Doutor Rui de Alarcão sempre vibrou com eles. Ainda ecoa nos ouvidos de quem o escutou os brilhantes acordes do discurso que há bem pouco proferiu no Supremo Tribunal de Justiça, evocando o novo Código Civil e os Mestres de Coimbra que o fizeram nascer.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

SENHORAS E SENHORES

Rui de Alarcão foi investido no supremo cargo de Reitor em 1982. Décadas havia que a Universidade de Coimbra não tinha um reitor eleito. A Universidade, através do Professor Decano, deu posse ao seu Reitor, porque foi ela própria a autora e a responsável pela escolha.

Quis o destino, esse sorrateiro maestro, à frente de uma orquestra de estrelas que só ele rege, que o primeiro Professor Decano e o último a conferirem-lhe posse como Reitor fossem dois grandes ornamentos da Faculdade de Direito de Coimbra. Aludo ao Doutor Afonso Rodrigues Queiró em 1982 e ao Doutor Mário Júlio de Almeida Costa, volvidos 12 anos, ou seja, em 1994.

Aproveita-se o ensejo de lembrar que o esquema eleitoral gizado ao tempo de Rui de Alarcão não constituía um sistema de candidaturas propriamente dito. Em sintonia com a perspectiva de Rui de Alarcão, preferiu-se estabelecer a elegibilidade de todos os professores catedráticos de nomeação definitiva da Universidade de Coimbra. Uma eleição que se estribava em fortes colunas de estilo fiduciário

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

e personalizado. O Reitor existe para a Universidade, não é a Universidade que existe para o Reitor. Daí que Rui de Alarcão insistisse na honrosa satisfação que lhe dava o ter sido escolhido pela confiança que a comunidade universitária nele depositara por quatro vezes.

Conservou-se como Reitor durante 16 anos. De 1982 a 1998. Um dos mais longos consulados reitorais da história da Universidade de Coimbra. Cumpriu-o, sem desfalecimentos, com infrene dedicação, inquebrantável entusiasmo e visível êxito a muitos títulos, oferecendo à sua querida Universidade, porventura, a parcela mais valiosa da sua existência. Por isso, sacudindo a poeira do tempo, poliu a fórmula dos Velhos Estatutos e manteve-a impressa na sua lembrança e guardada no seu coração a sentença que ajuramentou todos os dias e os dias todos: “Procurarei o proveito da Universidade e sua homra [*sic*] quanto em mim for”.

O Reitor Rui de Alarcão entendeu, desde a primeira hora, escreveu-o e praticou-o, que deveria dar primazia à política universitária relativamente aos encargos de gestão. Uma tendência que vingou cada vez mais no decurso do seu consulado reitoral.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Não admira, pois, que Rui de Alarcão houvesse intentado esculpir uma Universidade de ideias. Estribou-a numa principiologia sólida e coerente. Vimo-lo ser arauto convicto do princípio da autonomia articulado com o princípio da legalidade, do princípio da democraticidade, na senda do princípio da participação e do princípio do consenso.

Nada está tanto no nosso poder como o nosso querer. O Reitor Rui de Alarcão muito quis e muito conseguiu para a sua querida Universidade de Coimbra. Multiplicou por dois o espaço físico da Universidade, fundou a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, foi um empenhado mentor da restauração da Imprensa da Universidade, perseverou na vertente da internacionalização, mormente através da dinamização do Grupo de Coimbra, remodelou museus e laboratórios, incrementou os Serviços de Acção Social da Universidade, e reordenou a orgânica universitária, designadamente revitalizando o papel do Senado.

Durante esta fase reitoral da vida, eu atrevia-me a dizer, na valiosa moeda que o talento de Machado de Assis cunhou, que Rui de Alarcão foi metade pessoa, metade instituição.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

Um ponto alto do reitorado de Rui de Alarcão foi, fora de dúvida, o das Comemorações do VII Centenário da Universidade de Coimbra, cuja cerimónia de abertura solene das celebrações contou com a presença do Senhor Presidente da República. Decorreram dominadas por um cunho actualista e prospectivo que o Senhor Reitor lhe quis imprimir em detrimento de um ressequido sentido passadista. Mas estas comemorações mostraram um atributo que nunca pode deixar de predicar um Reitor da Universidade de Coimbra. Aludo à firmeza. E Rui de Alarcão não abdicou dela quando fez prevalecer, a justo título, que as Comemorações do VII Centenário fossem da Universidade de Coimbra e não, como certos quadrantes pretendiam, da Universidade Portuguesa. Não rege quem não corrige.

SENHORAS E SENHORES

Representava Rui de Alarcão uma personalidade multimoda, esmaltada pela conjugação das virtudes intelectuais e de cidadania. Nunca se encerrou na sua cátedra, ou numa ebúrnea torre de contemplação de si próprio, torre essa tão alta que muitos universitários não conseguem abandonar, nem sequer por

curtos períodos. Preferem não sair do beatífico recato dos seus gabinetes, num recolhimento meditabundo que não lhes permite, mesmo de quando em vez, levantar os olhos dos seus livros para suspirar, quanto mais para sobraçarem encargos perturbadores.

Ao invés, Rui de Alarcão correspondeu, sem tibiezas, aos sucessivos apelos que recebeu dentro e fora das muralhas da sua Universidade. Por isso, vimo-lo envergar as vestes de vogal do Conselho Nacional do Ensino Superior e posteriormente do Conselho Nacional de Educação, de Presidente do Conselho de Opinião da Rádio Televisão Portuguesa e, num plano diverso, de membro da Comissão Constitucional, antecedente histórico do Tribunal Constitucional, de 1980 a 1983, de membro do Conselho de Estado, de 1986 a 1996 e, mais próximo de nós, foi membro do Conselho Superior do Ministério Público, de 2007 a 2012.

Depois de findo o seu reitorado, não poucos lhe vaticinaram o riscar dos céus do nosso País. Incluindo o posto de Presidente da República. Certa vez, interrogado sobre o assunto, respondeu com a sabedoria de quem muito reitorou. Só com o facto de terem pensado que ele poderia vir a ocupar esse lugar

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

cimeiro, já ficou imensamente satisfeito. Esse simples reconhecimento difuso bastava-lhe.

SENHORAS E SENHORES

Sem parança, prestou Rui de Alarcão relevantes serviços à Universidade e ao País. Expressão indisfarçável disso mesmo era o seu peito constelado de condecorações. Aqui ficam algumas estrelas dessa constelação, nacionais e estrangeiras: as Grã-Cruzes da Ordem Militar de Cristo, da Ordem de Sant'Iago da Espada, da Ordem do Infante D. Henrique, da Ordem de Isabel a Católica de Espanha, a da Ordem do Rio Branco do Brasil, o Grande Oficialato da Ordem da Coroa da Bélgica e da Ordem de Mérito de Itália.

Com tamanha experiência no acolhimento de honras, Rui de Alarcão, calmamente, assumiu, durante uma década, papel inverso. O de ser partícipe no processo da sua concessão. Na verdade, cumpriu o vistoso encargo de Chanceler das Ordens Honoríficas, de 1996 a 2006.

No peito de Rui de Alarcão, reluziam ainda os Doutoramentos Honoris Causa concedidos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade de Macau.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Foi também agraciado com a Medalha de Ouro da cidade de Coimbra. No meu íntimo, esta medalha encontra-se revestida pelas cores lendárias de Coimbra, pinceladas, no fundo, pelo Amor e pela Morte.

E não são o Amor e a Morte que nos irmanam hoje aqui? Que nos trouxeram, de bem perto, ou de bem longe, à Capela da Universidade de Coimbra? Claro que sim. Claro que sim. Uma vez e vezes sem conta diria que sim e de um modo cada vez mais altissonante.

SENHORAS E SENHORES

Nenhum homem se dá inteiramente a conhecer. Reserva sempre para ele algo de misterioso e de inacessível aos outros, mesmo aos mais próximos. Mas Rui de Alarcão, talvez pela permanente exposição pública a que se submeteu, revelou muito de si.

Rui de Alarcão era um eleito que antecipava a aurora dos problemas, sondava o coração e a mente das pessoas, conversava com os ventos da história e lia bem a noção de futuro. Dizia que um programa não passava de um rascu-

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

nho do futuro e que o futuro era urgente.

Senhor de uma rara penetração psicológica e de uma invulgar capacidade de análise, Rui de Alarcão recebeu o dom de profetizar o comportamento de quem se cruzava no seu caminho. Daí o seu extraordinário poder de criar consensos.

A intelectualidade em demasia é fatal para os intelectuais, como a riqueza para os ricos, o poder para os poderosos e até a santidade para os santos. Pois bem. Rui de Alarcão não era demasiado intelectual, tinha uma vida social intensa e sempre se mostrou adepto fervoroso de futebol e da sua querida Associação Académica de Coimbra. Só o posso louvar por isso, eu que sou também um furioso da Académica. E um dia, que estiver no lugar do Doutor Rui de Alarcão, adianto já que espero que alguém o venha a sublinhar.

Dada a confessa estima, que Rui de Alarcão nutria pelos estudantes da sua Universidade e que os estudantes tinham por ele, não levanta a mínima de partícula de admiração que a Associação Académica de Coimbra o tenha elevado a seu Sócio Honorário. Ninguém o mereceria mais.

As palavras colam-se às pessoas e às paredes. Mostrava, a cada passo, Rui de Alarcão uma veia retórica caudalosa e fluente. Alimentou-a com uma cultura radiosa. Esta nunca hesitou em retribuir-lhe a acrisolada dedicação. A elegância, a clareza, o ornato e a graça imperavam em assembleias e cativavam auditórios. Nada espanta, por conseguinte, que Rui de Alarcão fosse um requestado orador. Até ao fim da sua vida, choveram os convites para dissertar em palcos muito diversos. E a todos procurava corresponder com a bondade afável que sempre o acompanhou.

Cultivando um género desembaraçado, solto e dúctil, Rui de Alarcão conseguiu ser, de um só golpe, certamente interventivo e pensadamente cauteloso. Para certos temas candentes e incandescentes, nem uma palavra a mais, nem uma palavra a menos. Apenas as necessárias. A isto chama-se prudência, sábia no pensar, sábia no falar e, conseqüentemente, sábia no agir, só ao alcance de quem muito viu e muito andou.

Se os mortos aceitam de nós outra coisa que não preces, é que deles se diga a Verdade. Primava Rui de Alarcão pelos primores de cortesia. Criava em torno de si um convívio universitário impecável. A razão não se afigura de

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

um intrigante vislumbre. É que Rui de Alarcão era um Homem polido por uma educação repleta de esmeros e isso transpirava em todas as circunstâncias.

Há aqueles que duram muito e aqueles que vivem muito. Rui de Alarcão não durou, viveu. Nunca pertenceu à categoria dos viandantes exaustos. Não se sentava à beira da estrada, numa pedra musgosa, com as mãos debaixo do queixo, olhando para trás e contemplando melancolicamente o longo caminho percorrido, nem se escondia num orgulhoso recolhimento, somando para si próprio as glórias alcançadas.

Sei, por amável confiança da sua confidente dilecta, a Senhora Doutora Eliana Gersão, que inserira já vários projectos no seu horizonte próximo. E de onde lhe vinha tamanha e tão poderosa força motriz? Não vislumbro outra razão senão esta.

Rui de Alarcão muito viveu, mas, sobretudo gostava muito de viver e teria vivido muito mais se isso estivesse ao alcance de um gesto da vontade.

A respeito de gestos de vontade e da contagem imparável dos anos, não resisto a exarar

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

um ligeiro apontamento. Numa das recentes cerimónias da Faculdade de Direito, a que ele, aliás, nunca faltava, rimos ambos, o Doutor Rui de Alarcão e eu, a propósito de uma velha história que, a um pronto, iluminou de alegre claridade o seu rosto, deixando perceber e bem a descoberto o seu enorme amor pela vida.

A história nada encerrava de especial. Numa homenagem a um velho Cardeal de noventa e tantos anos, um eclesiástico seu amigo, no discurso laudatório, terá afirmado: “Sua Eminência vai viver até aos cem anos”, ao que o conspícuo Cardeal respondeu de imediato e em tom grave: “Saiba vossa Excelência que não se devem colocar limites à vontade de Deus”. Rui de Alarcão era assim. Alegre e simpático, mesmo perante as coisas que poderiam entristecer o homem comum.

SENHOR REITOR DA UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA

EXCELENTÍSSIMOS FAMILIARES DO SENHOR  
DOUTOR RUI DE ALARCÃO

Vergado ao pesar, volto a exprimir sentidas condolências na pessoa da gentilíssima Senhora Doutora Eliana Gersão.

ORAÇÃO FÚNEBRE EM LOUVOR  
DO DOUTOR RUI DE ALARCÃO

SENHORAS E SENHORES

Um dos maiores génios que passaram pela Faculdade de Direito de Coimbra, Teixeira de Pascoaes, escreveu que, para alcançar a eternidade, “É preciso sofrer o último estertor / chorar a lágrima final”.

Rui de Alarcão venceu, com a superlativa dignidade das pessoas de primeira grandeza, este lance final.

Se mais tempo houvera, mais diria.

Palavras desmedidas reclamar-se-iam para retratar a desmedida amizade que a comunidade universitária coimbrã tributava ao nosso Reitor Rui de Alarcão. Mas uma oração desta natureza impõe palavras comedidas no tempo, embora abundantes e formosas na justeza dos louvores. Devo dar-lhe imediato e polido acabamento.

Os grandes mestres da Faculdade de Direito de Coimbra, já o disse mais de uma vez, não se perdem pela morte. Guardamo-los dentro de nós e canonizamos o seu sublime exemplo. E sublime foi o exemplo de Rui de Alarcão.

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Que o sol dos sóis eternos o faça resplandecer,  
querido Doutor Rui de Alarcão, nos esplendores  
do caminho do além.

É este o voto que, desta Capela da Universidade  
que tanto amou, dirigimos ao tempo sem fim.

Disse.

Capela da Universidade, 20 de Agosto de 2018.